

## CAPÍTULO 4

# O IMPACTO DAS ARMAS LIGEIRAS NAS COMUNIDADES

### **Introdução**

Este capítulo é baseado na apresentação e análise de um inquérito exploratório de rua levado a cabo na cidade de Chimoio, no Norte de Moçambique, em Abril de 2003. O objectivo inicial do inquérito era de obter dados básicos sobre a percepção das comunidades locais em relação à segurança, à actuação da polícia e à presença de armas de fogo em Moçambique.

Contudo, tratando-se de um estudo piloto, o objectivo específico deste exercício de pesquisa, o qual foi desenvolvido pelo Instituto de Estudos de Segurança e aplicado noutros países Africanos, era de inspeccionar a consistência do inquérito com as realidades locais, nomeadamente em várias regiões na África do Sul a nível nacional da Tanzânia.

Há várias vantagens em utilizar inquéritos previamente concebidos e testados – uma vez que já foram utilizados e os dados também já foram analisados, permitindo assim a recolha de dados semelhantes e a realização de uma análise comparativa. O perigo da utilização destes inquéritos pode ser o facto de não serem adequados a contextos socio-económicos diferentes. É portanto importante testar estes inquéritos com uma amostra da população que se pretende atingir e adaptá-los se necessário for, antes de iniciar a pesquisa mais vasta.

### **Historial**

Um conjunto particular de circunstâncias, incluindo a proximidade da fronteira com o Zimbabué, a sua situação numa rota de transportes, estar situada numa zona politicamente polarizada e com uma relativamente pequena população, fizeram do Chimoio (Capital da Província de Manica) o local escolhido ideal para um estudo exploratório sobre as questões de segurança em Moçambique.

A província de Manica é atravessada pelo corredor da Beira que é a principal ligação ferroviária e rodoviária entre o Oceano Índico e o leste, com o interior da África Austral e mais para Norte, a Central. É uma região agrícola fértil, produzindo entre outras culturas, o milho, bananas, citrinos e algodão e também o centro de várias indústrias, incluindo têxteis, moagem, processamento de algodão e sisal. Relativamente ao resto de Moçambique, Manica pode ser considerada uma província próspera.

O potencial económico da província e o corredor de transportes que a atravessam fizeram desta região uma zona de importância estratégica em ambos os conflitos. A província foi palco de violentos conflitos entre soldados da Frelimo e da ZANU-PF (União Nacional Africana do Zimbabué – Frente Patriótica) e os, então, exércitos Rodesiano e Português. Mais tarde, os contendores viriam a ser os combatentes da Renamo e os soldados de Moçambique e do Zimbabué independente.

Durante a administração colonial, as receitas de Moçambique provinham do trabalho e do transporte. Se, para o governo colonial, era fundamental defender o corredor da Beira, para a Frelimo, era impossível não o atacar. A presença de uma grande comunidade de colonos na província era um bônus adicional. Atacando a região significou, não apenas a disrupção económica para a administração colonial e para o regime Rodesiano como também, a inflicção de alguns estragos; Por outro lado, mostrava a presença de soldados da Frelimo numa região onde não havia aliados externos. O impacto psicológico nos colonos foi tremendo.

Contudo, considerando a falta de apoio adicional na zona, a Frelimo não podia contar com os seus activistas políticos para persuadir a população sobre a justiça da sua causa. Assim, a população foi ‘obrigada’ a cooperar com a Frelimo, sofrendo depois, a seguir a cada incursão da Frelimo, as consequências da fúria dos Portugueses.

A importância deste corredor foi de novo óbvia quando, depois da independência, o Presidente Machel ameaçou fechar o corredor da Beira ao regime Rodesiano e decidiu apoiar abertamente os combatentes Zimbabueanos da ZANU-PF. Quando o desacordo com o regime Moçambicano começou a crescer, a Rodésia foi rápida em fornecer apoio militar e logístico, o qual deu início a um conflito que duraria 16 anos. Numa espécie de justiça poética, a partir dos anos da década de 1980, o corredor da Beira estava a ser protegido por aqueles que o tinham tentado desfazer anteriormente – os então combatentes da ZANU, agora como soldados Zimbabueanos.

Depois da independência do Zimbabué em 1979, a Renamo, então sem um aliado na região, enfrentou os mesmos problemas que a Frelimo tinha enfrentado durante a guerra contra o colonianismo e passou a adoptar as mesmas táticas – violência contra a população. Como um antigo soldado da Renamo afirmou a um pesquisador do ISS: “tínhamos que ser violentos pois queríamos mostrar à população que o governo era incapaz de protegê-la. De outra forma a população não acreditaria em nós e não nos daria apoio.”<sup>1</sup>

Esta combinação de partidos em conflito – soldados Rodesianos, Portugueses, Moçambicanos e Zimbabueanos e combatentes da Frelimo, ZANU-PF e Renamo – num movimento perpétuo de conflito com elevados níveis de violência que durou quase trinta anos, transforma esta província numa província singular.

Chimoio, sendo a capital provincial, é um centro administrativo, comercial e de transportes. Situado ao longo do corredor da Beira, o Chimoio tornou-se central em ambos os conflitos como é atestado pelos enormes quartéis ainda existentes na cidade.

A perturbação social causada pelo conflito é expressa pelo enorme número de refugiados que fugiam para os países vizinhos bem como aqueles que abandonavam as zonas rurais para se refugiarem nas áreas urbanas. Chimoio não foi uma excepção a este cenário e o influxo de refugiados das zonas rurais elevou a população da cidade para 105.818 habitantes em 1991.<sup>2</sup> Cinco anos depois do processo de paz, os dados do censo de 1997 definem a população do Chimoio como sendo de 171.056 habitantes.<sup>3</sup>

Décadas de conflito violento em Moçambique – desde os anos sessenta até ao Acordo Geral de Paz (AGP) em 1992 – facilitaram a proliferação de armas de pequeno porte bem como a sua disseminação por todo o país.

A pouca pesquisa realizada em Moçambique sobre questões de segurança, incidiu principalmente na cidade de Maputo – a capital do país. Se por um lado é verdade que Maputo tem níveis de criminalidade mais elevados, também é verdade que a pesquisa baseada apenas em Maputo pode não ser representativa do resto do país. Em países que saíram de conflitos, tal como Moçambique, muitas cidades capitais tendem a crescer desproporcionadamente em relação ao resto do país, tanto em termos urbanos como económicos. A forte presença de uma relativamente grande – pelo menos maior do que no resto do país – comunidade de expatriados, facilita a expansão de uma economia de serviços, os quais são prestados a

preços excessivos, o que pode distorcer a economia. Uma maior concentração de riqueza atrai também uma maior concentração da criminalidade. No entanto, é mais provável que esconderijos de armas ilegais existam em áreas mais rurais e menos povoadas.

Uma vez que existe a percepção de que o crime urbano, quer na África do Sul quer em Moçambique, está sendo cometido com armas de pequeno porte ilegais, provenientes de esconderijos de guerra, escolher um lugar onde a existência de tais esconderijos seja mais provável pareceu fazer sentido. Devido ao seu passado histórico, a escolha da região do Chimoio pareceu ser a mais óbvia.

## **Metodologia**

A equipa de pesquisa decidiu levar a cabo o teste piloto com população menos habituada a inquéritos. Também neste âmbito, Chimoio pareceu ter vantagem sobre Maputo.

## **Amostras ao Acaso**

Devido a limitações de tempo e logísticas, a equipa de pesquisa decidiu realizar um inquérito de rua ao acaso nos mercados principais do Chimoio. A equipa do inquérito contactou pessoas ao acaso no mercado – tanto os donos das bancas como os clientes – de ambos os sexos e com idades o mais variadas possível. Às pessoas foram feitas perguntas relacionadas com questões de segurança nas suas áreas de residência, desde que tais áreas fossem dentro dos limites da cidade.

A vantagem de uma tal amostra ao acaso é de que é possível entrevistar uma grande variedade de pessoas, sem se correr o risco de realizar, o que é muitas vezes chamado, um inquérito de ‘donas de casa’, como é por vezes o caso em inquéritos de casa em casa.<sup>4</sup> Como as pessoas estão a ser questionadas fora do seu ambiente caseiro, é mais provável que falem abertamente pois sabem que não estão sendo observadas por familiares ou vizinhos. Por outro lado, as pessoas podem estar com pressa de chegar às suas casas e, portanto, estarem menos disponíveis para ser entrevistadas, ou podem também sentir-se intimidadas por falarem num lugar público. Para ultrapassar esta limitação, as pessoas foram convidadas a tomar um refresco num café público, na companhia do entrevistador, e então responder ao questionário calmamente.

## **Limitações da Amostra**

Como as entrevistas eram efectuadas durante o dia, o risco de alcançar apenas certos tipos da população, por exemplo, desempregados e estudantes, foi minimizado ao serem feitas perguntas sobre segurança não só em relação ao entrevistado mas também à sua família. Como ‘família’ os entrevistadores definiram ‘todos aqueles vivendo sob o seu tecto’.

A recepção à equipa de pesquisa foi, em geral, positiva. As pessoas cooperaram, levaram o seu tempo e, algumas delas, até esperaram pela sua vez para serem entrevistadas.

A equipa de pesquisa conseguiu obter entrevistas com 34 respondentes. Apesar desta amostra ser suficiente para um estudo piloto, qualquer análise quantitativa de uma amostra tão pequena tem que ser tratada com prudência e não deveria ser considerada como representativa da população.

É legítimo afirmar por exemplo, que “3 em cada dez pessoas entrevistadas no Chimoio têm experiência de um certo tipo de crime” mas extrapolações tais como “um terço da população do Chimoio tem experiência do mesmo tipo de crime” não podem ser inferidas. A consistência nos inquéritos, no entanto, permitem-nos esboçar um quadro sobre as preocupações de segurança das populações e indicar os caminhos para estudos posteriores. A análise de estudos piloto também permite aos investigadores corrigir modos de proceder e / ou perguntas com vista a inquéritos futuros.

## **Procedimentos no Inquérito**

As pessoas foram informadas sobre os objectivos do estudo, sobre o acordo de confidencialidade e, também, que poderiam suspender a entrevista em qualquer altura. Todos os respondentes completaram o questionário, com excepção de apenas dois. As actuais respostas destes dois respondentes estão incluídas neste relatório. A partir do ponto em que decidiram suspender a entrevista, estão incluídos em ‘sem resposta’. Um terceiro respondente começou a ser entrevistado. Quando chegou à Secção 4 decidiu parar e destruiu o questionário.

Apesar da boa recepção à equipa, é óbvio, em resultado da análise dos inquéritos, que as pessoas não se sentem confortáveis ao responder a

perguntas sobre armas de fogo e crimes de estupro. Esta questão será discutida mais adiante.

Como a amostra para a pesquisa era pequena, os pesquisadores complementaram a pesquisa com dados qualitativos. Os entrevistadores foram treinados para dirigir as entrevistas de uma forma estruturada e para tomarem notas dos comentários feitos pelos respondentes às perguntas que lhes eram colocadas.

As perguntas do inquérito foram feitas em voz alta ao respondente e as respostas foram escritas pelo entrevistador. A decisão para agir desta forma é em resultado do censo de 1997 o qual determinou um nível de analfabetismo de 57,7% na Província de Manica.. Muitas pessoas têm relutância em admitir que são analfabetas e ter-se-iam provavelmente recusado a responder ao inquérito sem apresentarem justificação. Isto podia criar uma percepção errada por parte da equipa de pesquisa, dado que a relutância em participar poderia ter sido interpretada como sendo relacionada com a sensibilidade das perguntas. Por outro lado, experiência de pesquisas anteriormente adquirida em Moçambique tem demonstrado que as pessoas preferem responder verbalmente, em vez de escrever as suas próprias respostas.

O inquérito incluía cinco secções:

- Secção 1: dados individuais sobre o respondente
- Secção 2: tendências do crime e percepções sobre segurança
- Secção 3: segurança no contexto das áreas vizinhas
- Secção 4: atitudes em relação a armas de fogo.
- Secção 5: percepções sobre segurança e armas de fogo

## **Língua**

O questionário do inquérito (Anexo 1) foi primeiro traduzido para Português. Foi então discutido com Moçambicanos para testar a pertinência de cada pergunta e fazer as necessárias adaptações. No Chimoio, o questionário do inquérito foi então traduzido para as línguas locais, Cisena, Cindau e Chona, pelos três entrevistadores contratados localmente, os quais também conduziram as entrevistas. A tradução foi feita verbalmente pelos entrevistadores, a fim de dar um único significado, previamente clarificado e aceite às palavras para cujo conceito não havia tradução nas línguas locais.

## Secção 1: Dados Individuais

A amostra total foi de 34 inquéritos feitos a 18 respondentes do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Vinte das entrevistas foram feitas em locais públicos, tais como cafés; oito entrevistas foram feitas nas casas dos respondentes e seis foram feitas nos locais de trabalho dos entrevistados. As idades dos respondentes eram entre os 16 e os 70 anos, o que dá uma média de 27 anos para a amostra.

Perguntas sobre segurança foram feitas em relação à área de residência, mesmo para os respondentes que tinham bancas no mercado ou na rua e pequenos negócios na área da entrevista.

Todos os respondentes frequentaram ou ainda frequentam a escola e todavia a maior parte deles estão ocupados no sector informal. A educação formal da amostra vai desde o primeiro ano de escolaridade até aos estudos pré-universitários (décimo segundo ano), uma mulher era enfermeira / parteira, outra mulher era contabilista e dois dos respondentes eram electricistas. Quase metade dos respondentes (15) completaram a escolaridade entre o nono e o décimo segundo ano.

Para objectivos de análise, as actividades dos respondentes foram divididas em cinco categorias: sector público, sector privado, sector informal, agricultura e outros:

- Sector público, significando emprego permanente numa instituição governamental (três respondentes)
- Sector privado, significando lojas ou negócios com as respectivas licenças (oito respondentes)
- Sector informal, significando a actividade económica informal tal como vendedor de rua, bancas de mercado e bancas de rua ( catorze respondentes)
- Agricultura – quase todos os respondentes exerciam actividades agrícolas, principalmente para consumo familiar. Nenhum dos respondentes tinha a agricultura como actividade principal.
- Outros – estudantes, donas de casa e outras formas de emprego (nove respondentes)

## Secção 2: Percepções sobre Crime e Segurança

Esta secção inclui informação sobre os tipos de crime e victimização nos últimos dez anos. A data nas perguntas é utilizada como forma de encorajar a exactidão ao indicar a data de um crime e não é utilizada na análise, de um modo geral. O tempo é usualmente referenciado em relação a um feriado ou acontecimento. Neste caso a equipa de pesquisa usou, como ponto de referência, as eleições gerais de 1994.

### A Importância das Definições

Crimes têm muitas vezes uma definição legal a qual nem sempre é consistente com a ideia que o público tem deles. Conceitos como roubo, assalto ou pilhagem, são utilizados vulgarmente e sem qualquer significado legal. Isto torna-se particularmente importante quando os questionários têm que ser traduzidos para outra língua e contexto social.

O inquérito utilizado nesta pesquisa foi traduzido primeiro de Inglês para Português e, depois, de Português para as línguas locais. Em Português, por exemplo, a palavra comum utilizada para ‘car hijack’ e ‘car theft’ é a mesma e o seu significado numa palavra não existe em algumas das línguas locais. Para ultrapassar esta limitação, a equipa de pesquisa concordou com definições comuns para os crimes mencionados no inquérito. Assim, foram as seguintes as definições usadas para descrever os tipos de crime mencionados no inquérito:

- **‘home burglary’(roubo a casa)** foi definido como ‘quando ladrões entram, ou tentam entrar, dentro da casa independentemente de você e / ou a sua família lá estarem ou não’
- **‘stock theft’ (roubo de gado)** foi definido como ‘quando alguém rouba animais , tais como carneiros, vacas, cabritos, galinhas, mas não cães nem gatos , que lhe pertençam’
- **‘crop theft’(roubo de colheitas)** foi definido como ‘ quando as colheitas são roubadas da sua quinta, seja da terra seja do celeiro’
- **‘car hijack’(desvio de viaturas)** foi definido como ‘ quando a sua viatura é roubada enquanto a está a conduzir ou quando nela está sentado com o motor parado, quando é puxado, à força , para fora do carro e a pessoa que o fez foge com o carro’ (longa mas necessária)
- **‘car theft’(roubo de viaturas)** foi definido como ‘ quando o seu carro ou partes do seu carro desaparecem enquanto está ausente. Por exemplo,

- durante a noite ou quando o carro está estacionado num sítio qualquer’
- **‘deliberate damage’(prejuízos deliberados)** foi definido como ‘quando coisas que lhe pertencem foram estragadas de propósito sem nenhuma razão aparente’
  - **‘rural equipment’(equipamento rural)** foi definido como ‘não apenas tractores e outros equipamentos mecanizados mas também ferramentas de mão com enxadas, fâcas de mato, etc.’
  - **‘violent assault’(assalto com violência física)** foi definido como ‘se alguma vez foi espancado’
  - **‘robbery’(roubo, assalto)** foi definido como ‘quando vai a andar na rua ou vai de autocarro e alguém se aproxima de si e o ameaça a não ser que lhe dê alguma coisa; ou quando chega a casa e descobre que a sua carteira desapareceu’
  - **‘murder’(assassinato)** foi definido como ‘quando alguém foi morto por outra pessoa intencionalmente, sem ser por acidente’
  - **‘sexual assault’(estupro, violação sexual)** foi definido como ‘não apenas o estupro violento, mas também quando uma pessoa tem que se submeter para obter os resultados escolares, por exemplo’

#### Potenciais limitações das definições

Definições são muito importantes em inquéritos uma vez que podem representar sérias limitações durante a análise. Num inquérito mais vasto, a definição de ‘robbery’ aqui utilizada, por exemplo, impediria um indicador de crime violento no Chimoio.

Tradicionalmente, ‘robbery’ é definido como ‘roubo, assalto contra força física’, quer dizer, ‘robbery’ é apenas considerado quando o roubo inclui violência ou ameaça de violência. A definição obtida pela equipa de pesquisa faz com que o carteirismo seja incluído nesta categoria. Tivesse este sido um inquérito mais vasto, os resultados não podiam ter sido utilizados para uma análise comparativa com outros inquéritos, efectuados noutros países, devido às diferentes definições.

Apesar de num inquérito exploratório, dado o tamanho diminuto da amostra e o objectivo diferente da pesquisa, tal situação pode não ser um problema em termos de análise, inquéritos mais vastos têm que ter definições preparadas muito cuidadosamente. Para o objectivo deste estudo, estas perguntas foram utilizadas mais para testar a vontade das pessoas de

responder a perguntas deste tipo e, também, para testar a relevância destes tipos de crime no contexto local.

#### Credibilidade dos respondentes

Inquéritos dependem da vontade das pessoas darem o seu tempo e, também, da credibilidade dos respondentes. Há sempre o risco de que um dos respondentes possa não dizer a verdade. Para ultrapassar este obstáculo em amostras maiores, os inquéritos apresentando respostas muito diferentes da média são excluídos da análise, a fim de evitar distorções.

A equipa de pesquisa sentiu algumas dúvidas ao analisar as respostas de dois respondentes do sexo masculino que preencheram o inquérito juntos:

- 3 roubos em casa com ou sem os residentes lá dentro
- 11 roubos de colheitas quer na terra quer nos celeiros
- 2 assaltos
- 2 crimes de morte intencional e não por acidente
- 1 estupro

Uma vez que este foi um estudo exploratório, nenhum inquérito foi excluído mas os números devem ser considerados com muito cuidado.

## **A Importância da Classificação para a Análise**

Existe ainda uma outra classificação para os tipos de crimes, igualmente importante que não foi utilizada neste inquérito: crimes violentos e crimes económicos. Crimes violentos são aqueles onde armas poderiam ter sido utilizadas, tais como roubos / assaltos / desvios a carros, assaltos, crimes de morte e roubos em casas onde os habitantes pudessem estar ou não. Esta distinção é importante pois pode representar um indicador do nível de violência.

Observações feitas durante o trabalho no terreno e comentários anotados pelos pesquisadores, criaram a impressão, entre eles, de que a violência não parece ser uma característica comum da criminalidade no Chimoio. A equipa de pesquisa teve a mesma impressão no que respeita ao uso de armas de fogo na prática do crime. Uma das razões que muitas pessoas apresentaram por não possuírem uma arma é que tal não faria sentido num país em paz. A associação de armas ao crime existe, no entanto, latente na mente das pessoas, dado que muitas delas afirmam que se tivessem uma

arma, pensam que seriam tentados a utilizá-la para resolver problemas financeiros e, também, que armas de fogo trazem a instabilidade para o seio das comunidades.

## **Perguntas sobre Assaltos / Ataques de Natureza Sexual**

A mesma disparidade pode ser encontrada no que respeita à questão assaltos / ataques / violações de natureza sexual. Inquéritos efectuados noutros lugares notam que é extremamente difícil obter respostas a tais perguntas. Num inquérito recentemente efectuado pelo ISS na zona central de Johannesburgo,<sup>5</sup> perguntas relacionadas com crimes de natureza sexual foram excluídas do inquérito, devido à relutância das pessoas em lhes responder. A equipa de pesquisa no Chimoio encontrou a mesmo desafio.

Enquanto procedia à adaptação do inquérito, a equipa de pesquisa previu esta limitação mas decidiu manter a pergunta sobre assaltos / ataques / violações de natureza sexual uma vez que o objectivo era de testar a vontade das pessoas de participar no inquérito. Assim, a pergunta foi mantida mas a definição de assalto / ataque / violação de natureza sexual teve que ser alargada para incluir favores sexuais. Depois do primeiro dia de entrevistas, a equipa de pesquisa decidiu modificar a questão e perguntar, antes, se o respondente sabia de alguém na sua comunidade (e não um familiar) que tivesse sido vítima de estupro.

O inquérito registou dois assaltos / ataques / violações de natureza sexual e uma tentativa de assalto / ataque / violação de natureza sexual. Ambas as vítimas eram familiares dos respondentes. Armas de fogo foram usadas num assalto / ataque / violação de natureza sexual.

Haver dois assaltos / ataques / violações de natureza sexual e uma tentativa de assalto / ataque / violação de natureza sexual numa amostra de 34, parece sugerir que as pessoas em Moçambique estariam dispostas a discutir este tipo de crime. Contudo e de novo para salientar o perigo de extrapolações a partir de dados factuais de uma amostra tão pequena, a observação qualitativa no terreno contradiz isto. Foi óbvio que as pessoas não se sentiam à vontade com a pergunta – mover-se-iam nas seus assentos ou diriam imediatamente que não, sem hesitar.

Durante uma entrevista recente com um psicólogo Moçambicano<sup>6</sup> foram-lhe feitas perguntas sobre o estupro e sobre a ideia que as comunidades têm

desse crime. Segundo ele, o estupro parece ser qualquer coisa que a maior parte das mulheres pensa que terá que viver numa altura qualquer das suas vidas; não gostam dele mas acabaram por aceitá-lo como um dos factos da vida, como um risco ocupacional enquanto trabalham no campo ou vão buscar lenha ou vão buscar água. Tem que ser dito, de novo, que isto reflecte uma opinião pessoal e não uma conclusão de pesquisa. A pesquisa sobre crimes de natureza sexual apesar de difícil, é importante e é um campo inexplorado em Moçambique. Dados os esforços do governo para refrear a violência doméstica, a pesquisa neste campo poderia ser útil para a elaboração de planos de acção, corrigir princípios orientadores e conceber campanhas de consciencialização. Como este é um tópico muito sensível, a pesquisa sobre crimes de natureza sexual é normalmente realizada por psicólogos e trabalhadores experientes de serviços sociais, os quais sabem como lidar com o trauma infligido.

### **O Crime no Chimoio: Resultados do Inquérito**

O Chimoio, segundo se afirma, tem um dos mais baixos índices de criminalidade em Moçambique, nos últimos cinco anos. De acordo com a PRM em Chimoio, o índice de criminalidade na Província de Manica é de 15%. Apesar do nível de criminalidade no Chimoio ser mais elevado do que em outros centros urbanos na província, ainda é dos lugares mais seguros em Moçambique. E, no entanto, ao rever os resultados do inquérito, parece haver um elevado número de incidentes relatados para uma amostra tão pequena. Metade dos respondentes relataram roubos nas suas casas. Como os respondentes em Chimoio não vivem em prédios de apartamentos, o roubo de uma bicicleta do quintal de uma casa, por exemplo, foi considerado roubo numa casa dado que os criminosos tiveram que entrar no local físico da casa. Roubos em casas e ‘robberies’ (como definido no inquérito) parecem ser tão prevalentes que as pessoas os consideram como “sendo normais”. Muitas vezes os respondentes encolheriam os ombros e muitos responderam “concerteza” como se não houvesse alternativa (fig. 1).

### **A Deficiente Comunicação de Crimes**

O deficiente relato de crimes é vulgar em muitos países e sociedades. Crimes comunicados são normalmente aqueles que não podem ser escondidos ou tratados de outra maneira, tais como o crime de morte, onde procedimentos legais têm que ter lugar para se dispor do corpo; os que podem ser

compensados por companhias de seguros, como o roubo de carros ou roubos em casas; e os que são demasiado valiosos para não serem comunicados, tais como roubos de objectos muito valiosos como joalharia. Roubos sem importância e pequenos roubos são raramente comunicados à polícia.

Futuras pesquisas podiam beneficiar de uma compreensão mais profunda deste problema. Isto necessitaria de um inquérito com conceitos de crime melhor definidos, com crimes devidamente classificados em casas ou individuais, violentos ou económicos. Esta secção devia também ser complementada com perguntas detalhadas sobre o crime comunicado e sobre os procedimentos, por forma a dar alguns conhecimentos sobre as áreas onde os serviços da polícia / judiciários podiam ser melhorados.

### **fig. 1 – Tipos de crime**

Na comunicação de crimes, os respondentes indicaram que armas de fogo tinham sido usadas principalmente em incidentes de crime de morte e roubo de carros com o/os ocupante/es no seu interior (ver fig.2). Geralmente, o uso de armas de fogo na prática de crimes é muito baixo.

### **fig. 2 – Uso de armas de fogo em crime, 2002**

### **fig. 3 – Tipos de crime em 2002, por percentagem**

Como indicado nos resultados do inquérito, o roubo em casas é agora o crime mais vulgar entre os respondentes no Chimoio, seguido de roubos na rua ou nos autocarros, roubo de colheitas nos terrenos ou nos celeiros e roubo de animais, com excepção de cães e gatos (fig. 3).

## **Segurança**

O objectivo da secção três do inquérito é avaliar o grau de segurança que as pessoas consideram existir nas suas comunidades e como classificam a actuação da polícia. Se uma área de residência é considerada insegura é improvável que indivíduos invistam nessa área; numa eleição, a percepção de um serviço de polícia deficiente pode ser decisiva.

Isto é também a razão da importância que tem para a polícia saber a dimensão do pequeno crime que não está a ser comunicado. Uma pessoa pode não comunicar à polícia roubos de pequenas quantias mas, se estes

ocorrerem repetidamente, é improvável que a pessoa se sinta 'segura' numa determinada área. As estatísticas oficiais de criminalidade não podem incluir incidentes que não foram comunicados.

Chimoio é uma das cidades Moçambicanas com mais baixo nível de crimes comunicados e, no entanto, os respondentes nesta amostra mostraram-se preocupados com a segurança. A cidade de Chimoio foi muitas vezes mencionada à equipa de pesquisa como um modelo a seguir para outras cidades Moçambicanas e é presentemente um local de experiência piloto para um projecto de policiamento pela comunidade. Os esforços da polícia para controlar a criminalidade no Chimoio foram muitas vezes referidos e reconhecidos pelos respondentes. Se, como este estudo sugere, os crimes no Chimoio não estão a ser comunicados à polícia devido à sua natureza, estes esforços não estão, provavelmente, a ser levados ao máximo possível.

### **População Rural e Urbana**

Apesar de Chimoio ser um centro urbano, muitos dos seus habitantes têm pequenas quintas de família nos arredores da cidade. Não vivem lá mas tratam dos campos regularmente e, a maior parte das quintas tem uma pequena cabana, onde o dono pode passar a noite se for necessário. Como tal, também foram feitas perguntas em relação à segurança que eles sentem quando trabalham nas suas pequenas quintas. A fig. 4 sumariza até que ponto os respondentes se preocupam com a criminalidade.

#### **fig. 4 – Preocupações individuais sobre a criminalidade**

No contexto da amostra, pouco menos de metade (45%) dos respondentes estão ocasionalmente preocupados com a criminalidade. Contudo, 52% dos respondentes estão 'sempre' ou 'muitas vezes' preocupados com a criminalidade no Chimoio.

#### **fig. 5 – Sentimento de segurança em casa e no campo**

A Figura 5 apresenta sentimentos de segurança entre os respondentes tanto nas suas casas como nos campos. Mais respondentes sentiram-se 'mais ou menos' seguros em casa durante o dia, enquanto, em geral, se sentiram 'muito inseguros' durante a noite, tanto nas suas casas como nos campos.

A percepção por parte dos respondentes é de que a maior parte dos crimes acontece durante a noite. Referiram-se à falta de luz nas ruas e à falta de

patrulhas nocturnas da polícia como os factores principais que afectam a segurança nas suas comunidades.

### **Preocupações com a Criminalidade e o Género**

A criminalidade parece ser uma questão sempre presente na mente dos respondentes. Cinco respondentes do sexo feminino afirmaram que se preocupam 'sempre' com a criminalidade e outras seis afirmaram que se preocupam 'muitas vezes' com a criminalidade. De uma amostra de 16 mulheres, 11 comunicaram grandes preocupações com a questão.

Isto podia significar que as mulheres se podem sentir fisicamente mais vulneráveis e portanto, recear o crime mais do que os homens ou podem ver-se a si próprias como alvos preferenciais para o crime. Mas, também podia significar que as mulheres consideram que têm menos direitos, quando se trata da administração da lei. Numa conversa informal com um funcionário da polícia da Unidade de Violência Doméstica, na Beira, foi afirmado que o maior constrangimento que a unidade encontrava era convencer as mulheres a virem ao foro e comunicar a violência que é exercida contra elas. Vítimas de estupro podem decidir não comunicar o incidente, pois tal poderia criar para elas um estigma social. Todos os outros respondentes preocupam-se até um certo ponto, com o nível da criminalidade.

### **Disseminação Geográfica da Criminalidade**

A impressão criada pela amostra é de que o crime em Chimoio não é circunscrito a uma determinada área ou bairro, mas afecta toda a cidade. Estatísticas de criminalidade fornecidas pela polícia em Chimoio para as quatro estações de polícia aí existentes parecem confirmar isto (**Tabela 1**).

**Tabela 1 – Estatísticas da polícia sobre os crimes comunicados em Chimoio**

	Número de crimes comunicados em 2001	Número de crimes comunicados em 2002
Estação de Polícia 1	112	115
Estação de Polícia 2	62	63
Estação de Polícia 3	42	40
Estação de Polícia 4	49	45
<b>Total</b>	<b>265</b>	<b>263</b>

As estações de polícia 1 e 2 cobrem 9 bairros cada uma; as estações de polícia 3 e 4 cobrem 7 e 8 bairros respectivamente.

Em termos de bairros com maiores índices de criminalidade, a Estação de polícia 1 cobre dois e as outras estações cobrem um bairro cada uma, com níveis mais altos de criminalidade. Estes números, fornecidos pelo Comando Central da Polícia no Chimoio, sugerem que a criminalidade está relativamente espalhada e não concentrada em certos bairros.

### **Crime Organizado contra Crime Económico**

Numa recente discussão de um grupo de interessados realizada com a juventude em Maputo, os participantes fizeram uma distinção clara entre o que eles chamaram, dois tipos de crimes: crime organizado – violento, utilizando armas de fogo e envolvendo pessoas com meios financeiros; e o que foi chamado ‘crime de ignorância’, descrito como pequeno crime cometido por pessoas que não vêm outra saída nas suas vidas. Pode envolver o uso de armas de fogo ocasionalmente mas a motivação do criminoso é a tensão económica causada pela pobreza. Uma distinção semelhante foi também feita por um funcionário do Ministério do Interior em Moçambique:

“No Maputo há dois tipos de crime – crime organizado e crime económico. Tendem a usar o mesmo tipo de armas, apenas algum crime organizado utiliza tácticas diferentes, principalmente quando os criminosos são antigos soldados (como o assassino de Siba Siba). Os antigos soldados da Casa Militar, que garantiam a segurança do governo, são conhecidos dos chefes do crime organizado.”

As atitudes dos respondentes a mudanças no crime e na violência são mostradas na fig. 6. A maior parte dos respondentes sentem que tanto o crime como a violência estão a aumentar, sendo mais notória a violência.

#### **fig. 6 – Mudanças no crime e na violência**

O facto de 17 e 14 respondentes, respectivamente, acreditar que os níveis de violência e crime estão a aumentar nas suas áreas, é deveras notável para um país que viveu três décadas de conflito violento.

Isto pode ser devido à amostra, à falta de definição de violência na pergunta, e / ou ao facto de os Moçambicanos afirmarem muitas vezes que ‘antes da

guerra não havia crime'. O que parece ser aparente em resultado da observação no terreno, é que os respondentes fizeram uma diferenciação entre a violência que ocorreu durante a guerra e violência criminosa. A equipa de pesquisa não teve acesso a dados de criminalidade e, portanto, não pode confirmar a exactidão desta afirmação, mas um funcionário do Ministério do Interior em Moçambique afirmou à equipa de pesquisa que "criminosos utilizaram o cenário da guerra para cometer crimes, mas o problema não era generalizado e era 'diluído' devido à guerra".

### **Policimento nas Comunidades**

O policiamento no Chimoio não parece ser um problema geral. Mais de metade dos respondentes afirmaram que vêem polícia em serviço pelo menos de uma vez por dia e um total de 28 respondentes vê a polícia patrulhar as suas comunidade de uma vez por dia a uma vez por semana (ver **fig. 7**).

Contudo, a maior parte dos respondentes queixou-se da qualidade das patrulhas, afirmando que são irregulares e normalmente não existentes durante a noite.

Os respondentes sentiram que os esforços da polícia para controlar o crime são de 'médios' a 'maus', e a actuação da polícia é avaliada entre 'a mesma' e 'pior' (**fig. 8**). Quase o mesmo número de respondentes afirmou que a actuação da polícia tinha melhorado nos últimos anos (n=9) e que tinha piorado (n=7) (**fig. 9**).

**fig. 7 – Presença da polícia na área**

**fig. 8 – Percepções dos esforços da polícia**

**fig 9 – Percepções da actuação da polícia**

### **Actuação da Polícia**

As razões apresentadas pelos respondentes para a mudança ou falta de mudança na actuação da polícia foram semelhantes e foram usadas para justificar tanto a melhoria como o agravamento da actuação da polícia. As razões seleccionadas pelos respondentes são apresentadas a seguir. De notar que foi pedido a cada respondente para apresentar até três razões:

- **salários** dos polícias (n=8) – salários baixos vistos como uma razão para fraca actuação e um aumento dos salários como explicação para as melhorias;
- falta de **patrulhamento** ou **patrulhamento** ineficaz da comunidade (n=7);
- presença (ou falta de ) **luzes nas ruas** para a segurança nas comunidades (n=6);
- segurança melhorada nos bairros devido a **melhor actuação da polícia** (n=6);
- **colaboração entre polícias e criminosos** deteriora a segurança nas suas áreas (n=5);
- **cooperação, ou falta de cooperação, com a comunidade** foi também referida como uma razão de mudança na segurança pública (n=5);
- **corrupção** foi identificada como um factor para a deterioração da segurança pública (n=5);
- **nível de pobreza** dos funcionários da polícia (n=3);
- **outras razões** incluíram: reacção da polícia mais rápida; redução da criminalidade na área; falta de normas de conduta na polícia; campanhas de consciencialização; bons patrulhamentos; vigilantes; honestidade de alguns polícias; mau treinamento e falta de recursos para a polícia.

## Factores Influenciando a Actuação da Polícia

A consistência detectada nas respostas da amostra parece identificar três factores principais que afectam a actuação da polícia: razões económicas, corrupção e cooperação com a comunidade. Assim, as respostas da amostra foram agrupadas em três categorias: cooperação com a comunidade, incluindo todas as respostas que mencionam cooperação / falta de cooperação com a comunidade como uma importante razão para mudança; razões económicas, incluindo respostas que mencionaram salários e níveis de pobreza; corrupção, incluindo as respostas mencionando cooperação com criminosos, falta de normas de conduta e suborno.

De 60 sugestões, mais de metade (33) fazem parte destas três categorias:

**Tabela 2 – Factores influenciando a actuação da polícia**

<b>Categoria</b>	<b>Número</b>
Cooperação com a comunidade	9
Razões económicas	13
Corrupção	11
<b>Total</b>	<b>33</b>

Os respondentes pareceram considerar estes três problemas como factores chave na segurança pública: as condições de vida necessitam de ser melhoradas; a polícia e a comunidade têm que cooperar; a corrupção tem que parar. Os respondentes pareceram relacionar a corrupção na força de polícia com a pobreza.

### **Segurança na Comunidade**

Uma das maiores limitações dos projectos baseados na comunidade para controlar o crime e as armas de fogo é a dificuldade em encorajar as pessoas a fazer queixas relacionadas com os seus vizinhos. Se a atitude popular em relação a funcionários corruptos é de compreensão e simpatia, a denúncia de funcionários corruptos pode tornar-se muito difícil. Os respondentes não gostam de corrupção e queixam-se dela mas parece que acabam por aceitá-la em geral por a considerarem como inevitável na maior parte dos casos.

As comunidades que se consideram inseguras tendem a assumir a responsabilidade pela sua própria segurança, nem sempre da melhor forma. Moçambique não é estranho à justiça popular. Por alturas de 1994, no Chipamanine – o maior mercado em Maputo – se a população apanhasse um ladrão, este seria executado imediatamente. A equipa de pesquisa teve a impressão clara de que deve haver alguns movimentos, tipo vigilantes, nos bairros de Chimoio, primariamente devido a referências a ‘defesa popular’.

### **A Juventude e Soldados Desmobilizados**

Relatórios escritos por organizações envolvidas na reintegração de antigos combatentes sugerem que de facto, e contradizendo a sabedoria popular, ex-combatentes não são mais susceptíveis de cometerem crimes do que qualquer outro grupo.<sup>8</sup>

Contudo, uma entrevista com um funcionário do Ministério do Interior indicou que a maior parte dos criminosos são de meia-idade, soldados desmobilizados e desempregados. De acordo com este funcionário, soldados desmobilizados preferem dizer que estão desempregados a dizer que são antigos soldados ou “antigos Casa Militar”.

As ruas das cidades de Moçambique estão cheias de gente nova a tentar arranjar-se pelos seus próprios meios. A maior parte destes jovens tem algum nível de habilitações literárias mas consideram muito difícil a entrada no mercado do trabalho. A juventude é tradicionalmente vista com suspeita por várias razões.

### Protecção da Comunidade

Em relação à pergunta sobre o que os respondentes faziam para proteger a comunidade contra o crime, as respostas variaram entre a atitude individual (instalação de barras de protecção contra roubo ou compra de um cão) a modos de actuar mais relacionados com a comunidade, incluindo frequentar as reuniões do policiamento comunitário. A Tabela 3 sumariza as respostas a esta pergunta.

**Tabela 3 – Acções para evitar o crime**

O que está fazendo para evitar o crime na sua área?*	Número
Instalou barras de protecção contra roubo	14
Nada	14
Denuncia criminosos às autoridades comunitárias	9
Arranjou um cão	7
Denunciou criminosos às autoridades locais	6
Aassociou-se a iniciativas de policiamento local (vigilantes)	6
Denunciou os criminosos à polícia	5
Frequenta reuniões de polícia comunitária	4
Tornou-se membro de uma unidade de autodefesa	2
Sem resposta	1
Alugou um quarto	1
Alugou segurança	1

Associou-se a patrulhas de rua	0
Instalou um sistema de alarme	0
Arranjou uma arma	0

*\*Os respondentes podiam identificar mais do que um tipo de acção*

Iniciativas privadas para impedir o crime parecem prevalecer. Mesmo os respondentes que responderam ‘nada’ justificaram a resposta com a falta de recursos financeiros para instalar barras de segurança contra roubos ou um sistema de alarme.

Isto podia significar que as pessoas não confiam nas autoridades para impedir o crime nas suas áreas. Isto também pode ser devido à natureza do crime que é cometido na comunidade. Como afirmado anteriormente, pode tratar-se de crimes que não são muitas vezes comunicados.

### **Alternativas da Comunidade para a Segurança Pública**

Segundo informação da polícia no Chimoio, não tem havido relatos de “vigilantismo” ou unidades de autodefesa na área. A polícia afirmou que as comunidades têm estado a contribuir de uma forma positiva para impedir o crime e acolhe esta contribuição com agrado.

De acordo com os respondentes ao inquérito, existe também a vontade entre a população para cooperar com a polícia. A polícia no Chimoio tem estado a organizar palestras e campanhas de consciencialização nas comunidades, as quais foram mencionadas pelos respondentes.

Uma observação interessante é que os respondentes parecem mais inclinados a denunciar criminosos às autoridades da comunidade (definida como o líder informal da comunidade) em primeiro lugar, às autoridades locais (definidas como o secretário do bairro ou representante do governo) em segundo lugar e finalmente à polícia.

Isto podia significar várias coisas e pode merecer pesquisa adicional. Pode ser que as comunidades prefiram responder, elas próprias, ao crime pequeno e ir só à polícia em certas circunstâncias ou indicar falta de confiança na instituição.

## **Cooperação com a Comunidade**

O Chimoio está presentemente a ser objecto de experiências num projecto-piloto de policiamento comunitário no bairro de Fepom. Nenhum dos respondentes da amostra vem desta parte da cidade. Contudo, de acordo com a polícia do Chimoio, este projecto está a ser implementado com o apoio dos líderes da comunidade.

A última questão desta secção perguntava aos respondentes o que pensam que o governo de Moçambique podia fazer para melhorar a segurança nas suas comunidades. Era uma pergunta aberta, contudo a maior parte dos respondentes referiram-se à instalação de iluminação nas ruas, criação de emprego, melhores salários, melhoria dos recursos da polícia e melhor patrulhamento, como acções que o governo deve executar para melhorar a segurança pública.

Uma vez mais, parece que os respondentes estabelecem uma ligação clara entre problemas estruturais e o crime. Também parece que os respondentes respeitam a polícia como instituição, dado que muitas das respostas puseram ênfase numa maior cooperação com as comunidades e muitos pedem laços mais fortes e mais campanhas de consciencialização.

## **Atitudes em relação a armas de fogo**

O objectivo da quarta secção do inquérito era de fazer pesquisa sobre as atitudes populares em relação a armas de fogo; se as armas de fogo são usadas e, também, como estão a ser usadas.

Tendo conhecimento das atitudes populares em relação a armas de fogo, permite ao governo elaborar planos de acção e conceber campanhas de consciencialização específicas e dirigidas.

No caso deste estudo, o objectivo principal era verificar qual a vontade que as pessoas teriam em responder a questões relacionadas com armas de fogo.

Durante reuniões anteriores com organizações que levam a cabo a recolha de armas de fogo, tais como a TAE, a equipa de pesquisa foi informada de que este era um tópico sensível.

Não foi diferente no Chimoio. Era óbvio que as pessoas se sentiam

desconfortáveis a responder a perguntas sobre armas. Os respondentes tinham que ser encorajados a dar respostas diferentes de ‘não sei’.

Apesar de os respondentes terem relutância em responder a perguntas tais como “se precisar de uma arma, tem fácil acesso a ela” (pergunta 4.7), tinham menos relutância quando questionados sobre as suas atitudes em relação a armas de fogo. Os respondentes não hesitavam em dizer porque gostariam ou não de ter uma arma de fogo.

A pergunta 4.12 “o que recomendaria para reduzir a disponibilidade de armas na sua comunidade” apresentou duas respostas claras: Dar mais poder à polícia e promover mais programas de recolha de armas. Foi então perguntado aos respondentes se eles concordavam ou não com alguma das alternativas e também se gostariam de acrescentar qualquer outro tipo de iniciativa. Quase todos os respondentes acrescentaram as suas propostas para o controle de armas. Parece que a relutância sobre este assunto está ligada à natureza das perguntas e pode, portanto, ser ultrapassada. Mais pesquisa sobre este assunto não devia excluir estas perguntas.

No decurso desta secção, os respondentes olhavam, por vezes, em redor para se certificarem de que ninguém os estava a ouvir, antes de se aventurarem a dar uma resposta.

O primeiro grupo de perguntas pretende saber qual a frequência do uso de armas em crimes na comunidade, qual a frequência com que o respondente ouviu tiros na sua comunidade, e se comparada com anos anteriores, a disponibilidade de armas mudou. A maior parte dos respondentes (n=21) afirma que armas são utilizadas ‘algumas vezes’ e ‘raramente’ para cometer crimes nas suas comunidades, e metade da amostra (n=17) respondeu que armas de fogo eram usadas ‘raramente’ e ‘nunca’ (**ver fig. 10**). Isto parece confirmar o padrão de utilização de armas notado anteriormente no inquérito, segundo o qual a maior parte dos incidentes não envolveu o uso de armas de fogo.

### **fig. 10 – Frequência do uso de armas de fogo na prática de crimes**

O mesmo pode ser dito em relação à pergunta seguinte sobre a frequência de tiros na comunidade. A maior parte (n=27) afirmou ouvir tiros ‘algumas vezes’ (n=18) e ‘raramente’ (n=9) enquanto 13 respondentes afirmaram ‘raramente’ e ‘nunca’ (n=4). Estes números são também consistentes com a impressão que a equipa teve no terreno de que armas de fogo podem não

representar ainda um problema na criminalidade nesta área.

### **fig. 11 – Disponibilidade de armas de fogo**

Uma clara maioria dos respondentes (n=21) afirmou que a disponibilidade de armas tinha diminuído (fig. 11). Contudo, aproximadamente um terço da amostra afirmou não ter havido mudança ou ter havido um aumento no número de armas.

Aos respondentes foi perguntado o que eles consideravam como a razão principal para a alteração da disponibilidade de armas. Um sumário das respostas é apresentado na fig. 12. Devia ser notado que as respostas podem referir um aumento ou uma diminuição no número de armas disponíveis e que os respondentes podiam dar mais do que uma resposta.

### **fig. 12 – Razão principal para a disponibilidade de armas**

#### **A Guerra e a Disponibilidade de Armas de Fogo**

A maior parte dos respondentes que assinalaram uma redução na disponibilidade de armas pareceram atribuir essa redução, principalmente a acontecimentos relacionados com a guerra: programas de recolha de armas, desmobilização, o fim da guerra e campanhas de consciencialização. Oito respondentes fazem a ligação entre as armas de fogo e o crime e atribuem a redução a esforços da polícia, com ou sem o apoio da comunidade.

Os respondentes que pensam que a disponibilidade de armas aumentou (n=8) atribuem a mudança ao facto de que as armas recolhidas estão nas mãos erradas e / ou a polícia é incapaz de controlar a situação. Perguntas sobre o que os respondentes entendiam por 'mãos erradas' tiveram respostas bruscas e explicaram à equipa que oficiais do exército e da polícia alugavam a criminosos ou as suas próprias armas ou armas recolhidas depois da guerra. Um dos respondentes atribuiu o decréscimo do número de armas ao facto de "muitos polícias terem sido despedidos por terem vendido ou alugado as suas armas a criminosos".

#### **A Origem das Armas de Fogo**

A ideia inicial da equipa de pesquisa era verificar se os restos da guerra,

ainda em esconderijos de armas, eram considerados como sendo utilizados em crimes. Segundo oito dos respondentes, há um maior número de armas já recolhidas que estão a ser utilizadas em crimes. Segundo um funcionário do Ministério do Interior de Moçambique, as armas utilizadas presentemente no crime urbano estão a ser alugadas pelos seus legítimos donos ou estavam escondidas em esconderijos de armas, o que parece estar de acordo com as afirmações dos respondentes.

## **O Acesso às Armas de Fogo**

As perguntas seguintes foram mais de natureza pessoal para tentar estabelecer como pensavam os respondentes, como indivíduos, em relação às armas de fogo. Aos respondentes era perguntado se conheciam alguém, amigo ou familiar, que fosse dono de uma arma, se essa pessoa tem uma licença para porte de armas; se o respondente tem acesso a uma arma se for necessário, e se o respondente gostaria de ter uma arma. As perguntas foram complementadas por uma pergunta aberta que pedia aos respondentes para que indicassem a razão porque gostariam de ter, ou não, uma arma.

A maior parte dos respondentes afirmou que não tinha amigos nem familiares que possuíssem armas. Nenhum dos respondentes se mostrou à vontade a responder a este grupo de perguntas. A maioria dos respondentes afirmou não ter acesso a uma arma de fogo e não queriam ter uma arma.

Apenas dois respondentes afirmaram ter acesso fácil a uma arma de fogo, o que é interessante porque ambos afirmaram que não conheciam ninguém que possuísse uma arma.

Isto parece sugerir que não há uma cultura de armas em Moçambique. Os respondentes não pareceram pensar em armas como qualquer coisa que uma pessoa deva ter, mas antes como algo que não é exactamente honroso ou correcto possuir. Parece haver uma associação entre armas, guerra e distúrbios sociais. A equipa foi surpreendida pelo facto de nenhum respondente ter associado armas de fogo à caça, como era esperado.

## **Razões para a Posse de Armas de Fogo**

Os respondentes que afirmaram gostar de possuir uma arma de fogo justificaram esse desejo com razões de segurança. As razões dadas pelos respondentes que não queriam uma arma de fogo formam três categorias:

- ter uma arma em tempo de paz não faz sentido
- medo de ter e manusear uma arma de fogo

- medo de vir a utilizar a arma

Catorze respondentes atribuíram o seu desejo de não possuir uma arma a considerarem que armas trazem violência para o seio das comunidades ou porque têm medo de poderem ser tentados a utilizá-la. Parece que os respondentes nesta amostra sentem que armas podem ter um impacto no comportamento de uma pessoa e no seu sentido próprio. Alguns respondentes afirmaram que armas “trazem desobediência” e foi-lhes pedido que explicassem a sua afirmação. Segundo eles, se temos uma arma, sentimos o poder de fazermos mais daquilo que queremos e menos daquilo que devemos. É mais fácil desobedecer as normas.

Um outro respondente respondeu com uma parábola sobre leões e cordeiros, que não se pode mudar a natureza das coisas e que armas servem para matar.

### Controlo das Armas de Fogo

O conjunto seguinte de perguntas converge sobre o controlo de armas e pergunta aos respondentes como sentem as medidas de controlo de armas nas suas comunidades. As primeiras duas perguntas pedem a opinião dos respondentes sobre se o controle de armas devia ser melhorado e se eles estariam dispostos a encorajar as pessoas a entregar as suas armas, uma vez que a segurança nas suas comunidades melhorasse (Tabela 4).

**Tabela 4 – Atitudes sobre o controle de armas de fogo**

Pergunta	Sim	Não	Não sei	Sem resposta
Pensa que o controle de armas na sua área necessita de ser melhorado?	29	2	2	1
Pergunta	Sim	Não	Não sei	Sem resposta
Se a segurança na sua área melhorar encorajará as pessoas a entregar as armas?	3	2	1	1

### Comunidades e Esforços de Desarmamento

De um modo geral os respondentes exprimiram a sua vontade de apoiar os

esforços para desarmar as comunidades. A maioria dos respondentes pensa que o controle de armas tem que ser melhorado e está disposta a contribuir para os esforços de desarmamento. Se a pesquisa futura confirmar esta tendência, o governo de Moçambique parece estar numa posição muito confortável para fortalecer os esforços de controle de armas.

Aos respondentes foram dadas duas recomendações sobre a melhoria do controle das armas de fogo nas suas comunidades. Aos respondentes foi pedido para escolherem qual delas preferiam e, também, se gostariam de acrescentar mais recomendações. A tabela 5 apresenta as respostas.

**Tabela 5 – Recomendações para melhorar o controle sobre armas de fogo**

<b>Recomendação</b>	<b>Respondentes*</b>
Dar à polícia mais poder para apreender armas ilegais	22
Promover mais programas de recolha de armas	13
Sem resposta	9

\* Os respondentes podiam escolher ambas as recomendações.

A maior parte dos respondentes apoiam a ideia de dar à polícia mais poder para controlar armas ilegais. As outras sugestões feitas pelos respondentes estão de acordo com respostas dadas anteriormente. Estas incluem mais coordenação entre a polícia e as comunidades e a promoção de uma maior consciencialização. Os respondentes também se referiram aos problemas estruturais da pobreza e ainda da necessidade de melhoramentos nas condições de trabalho da polícia.

Aos respondentes foi pedida a sua opinião sobre as fontes de armas ilegais quer em Moçambique quer no estrangeiro. A maior parte (n=20) afirmou que as armas nas comunidades eram restos da guerra.. Contudo estas não são necessariamente armas que se mantêm em esconderijos. Nalgumas instâncias, os respondentes identificaram especificamente as armas que foram capturadas durante a operação ONUMOZ mas que não foram destruídas nessa altura.

## Percepções sobre Segurança e Armas de Fogo.

A última secção do inquérito explorou a ligação entre armas de fogo e segurança e fez perguntas aos respondentes sobre criminalidade, armas de fogo e programas de recolha de armas de fogo

Aos respondentes foi pedido para identificarem o que acreditavam ser algumas das motivações para o crime no Chimoio. As suas respostas estão sumarizadas na Tabela 6. Os respondentes podiam indicar mais de uma razão.

**Tabela 6 – Causas do crime**

<b>Razão</b>	<b>Número</b>
Desemprego	20
Pobreza	17
Vida fácil	8
Sem resposta	6
Uso de drogas	5
Pouca educação	5
Frustrações pessoais	4
Condições de vida difíceis	3
Exclusão	1
Juventude frustrada	1
Ódio	1
Falta de tolerância	1
Uso de drogas	1
Álcool	1
Inactividade	1
Falta de luz nas ruas	1
Falta de casas seguras.	1

A maior parte dos respondentes atribuiu o crime a problemas de natureza estrutural (desemprego, pobreza e condições de vida difíceis).

Aos respondentes foi então feita uma série de perguntas relacionadas com as

armas que são mais comuns nas suas áreas. O objectivo destas perguntas era de estabelecer um padrão, se ele existisse, da presença de armas em cada comunidade e de identificar uma ligação possível com a situação da criminalidade.

### **Fig. 13 –Armas de fogo mais comuns**

Os respondentes afirmaram que havia mais armas automáticas do que pistolas nas comunidades (Fig. 13). Nenhum respondente mencionou caçadeiras ou espingardas , apesar da Província de Manica ser uma região onde a caça era comum antes da guerra. A maioria dos respondentes (75%) afirmou que a presença de armas de fogo agrava a criminalidade na comunidade (Figura 14).

### **Fig. 14 – É a criminalidade na comunidade afectada negativamente pela armas de fogo?**

Às duas perguntas sobre a comparação entre a frequência do uso de armas antes e depois das eleições, os respondentes parecem ser consistentes quanto a um uso menos frequente de armas (Fig. 15).

### **Fig. 15 – Mudança na disponibilidade de armas de fogo**

## **Esforços de Desarmamento no Pós-guerra**

Aos respondentes foi perguntado onde pensavam que as armas tinham sido entregues depois do AGP (Fig. 16). A maioria dos respondentes afirmou que as armas de fogo entregues pela milícia foram entregues nos quartéis militares, aparentemente seria este o procedimento apropriado.

### **Fig. 16 – Pontos de recolha de armas**

Nenhum dos respondentes tinha participado em esforços de recolha de armas apesar de 13 de entre eles serem suficientemente idosos para terem sido ou soldados ou milícia. O inquérito não incluía uma pergunta directa sobre se o respondente tinha sido, ou não, parte de um grupo de milícias. Nenhum respondente admitiu ter pertencido a um grupo de milícias; pelo contrário, alguns afirmariam que não tinham servido nas milícias.

Aos respondentes foi perguntado por que pensavam que alguns membros da milícia não tinham querido entregar as suas armas de fogo depois da guerra. Onze respondentes não responderam à pergunta ou afirmaram que não sabiam e um respondente recusou-se a responder a mais perguntas. As razões mais frequentes atribuídas a algumas milícias para não entregarem as armas eram o medo da guerra renovada, a necessidade de protecção e não saberem onde as entregar.

Os respondentes mostraram-se desconfortáveis com as perguntas subsequentes sobre esconderijos de armas e muitos deles fariam questão de realçar que não sabiam de nenhum esconderijo em redor da sua comunidade; ou que nunca tinham encontrado um. A maior parte da amostra negou tanto a presença de esconderijos de armas nas suas comunidades (n=24) como a sua participação em encontrá-los (n=19). Alguns dos respondentes tinham ouvido falar da Operação Rachel e do programa TAE do CCM.

Em relação à pergunta sobre como as comunidades identificam esconderijos de armas, quase todos os respondentes responderam o mesmo: esconderijos de armas foram encontrados quando os refugiados começaram a reinstalar-se e tiveram que desbravar terras para agricultura, ou quando procuravam materias de construção para as suas habitações.

Dada a existência de dois programas de recolha de armas bem sucedidos em Moçambique – a Operação Rachel e o TAE, o inquérito incluiu perguntas sobre ambos os projectos. Apesar da maioria dos respondentes ter afirmado que a sua comunidade não tinha cooperado com qualquer das iniciativas, 17 respondentes dariam informações sobre esconderijos de armas ao TAE, enquanto 18 prestariam informações à polícia.

## **Lições Aprendidas e Recomendações para Pesquisa Futura**

A conclusão mais importante deste inquérito foi o engajamento dos respondentes em completarem o questionário, mesmo quando as perguntas começaram a ser desconfortáveis. As pessoas mostraram relutância em responder a algumas perguntas e é duvidoso que tenham sido francas em algumas das respostas, mas isto não devia impedir mais exercícios de pesquisa.

O achado principal deste inquérito é que este tipo de pesquisa é

possível em Moçambique - as pessoas compreendem as perguntas e, apesar de alguma relutância, as pessoas respondem e participam. Muitos respondentes, no fim do inquérito, disseram aos entrevistadores quanto tinham gostado de ser entrevistados e pediram à equipa que passasse as preocupações da população àqueles que lhes poderiam dar respostas.

Contudo este capítulo também levanta várias questões para pesquisa futura e faz algumas recomendações.

A pesquisa em Moçambique devia, de preferência, ser estendida a pelo menos uma Província fora de Maputo. Como afirmado anteriormente, a pesquisa baseada apenas na cidade capital pode apresentar tendências e padrões não comuns ao resto do país. Um dos principais objectivos da pesquisa é fornecer às instituições, informação que lhes permitam conceber e implementar planos de acção e estratégias. Como tal, os dados recolhidos em Maputo deviam ser verificados contra os dados recolhidos a nível provincial.

Existe a necessidade de se saber exactamente que tipos de crime estão a ser cometidos nestas comunidades e a dimensão da falta de comunicação. Estatísticas que não incluam estas duas dimensões podem estar a apresentar uma imagem distorcida da situação. Planos de acção e estratégias baseadas nesta imagem distorcida podem tornar-se difíceis de implementar ou de não dar os resultados esperados. Isto pode dar lugar a mais frustrações tanto na população que não se apercebe de melhorias, como nas forças de polícia, que não vêem os seus esforços recompensados, façam o que fizerem.

Este relatório sugere que deve haver uma ligação entre os problemas estruturais e o crime em Moçambique. Ao compreenderem-se as motivações do crime é depois importante conceber planos de acção e fornecer os recursos. Pode também apontar-se para situações que requerem um modo de agir mais global, envolvendo recursos e estratégias provenientes de mais do que um ministério. O crime e a segurança não deviam ser dissociados do ambiente social e económico existente, e as medidas para controle da criminalidade podem também vir de sectores que não da polícia ou do Ministério do Interior.

Algumas circunstâncias parece serem peculiares a Moçambique e deviam ser tomadas em consideração ao conceber mais projectos de pesquisa. Ao definir a amostra da população, deveria haver o cuidado de apreciar o facto

de alguns agregados familiares Moçambicanos serem chefiados por crianças ou jovens. Questões, incluindo comparações, deviam incluir a referência ao tamanho, quantidade ou tempo. Conceitos como tipos de crime, violência e crime deviam ser cuidadosamente definidos, tendo em consideração as décadas de violência histórica..

Uma outra percepção que emergiu neste inquérito é a suspeita de corrupção no seio da polícia. Isto não é novo e o Ministério do Interior está ao corrente das percepções. Muitos esforços foram feitos em Moçambique para eliminar a corrupção e muitas instituições mostram sinais de melhoramentos visíveis.

Nenhum destes problemas é novo em Moçambique nem é exclusivo deste país. Governos de todo o mundo enfrentaram ou ainda enfrentam problemas semelhantes.

Mais do que qualquer outra coisa, este pequeno inquérito ilustrou como a pesquisa pode fornecer informação que pode ser depois formulada em planos de acção e maneiras de actuar para os governos. O Ministério do Interior reconhece a importância da pesquisa e pode beneficiar, através do envolvimento com outros ministérios, realizando pesquisa adicional e propostas de pesquisa em áreas de particular relevância para o Ministério, o que o auxiliará a realizar o seu trabalho.

## Notas

1. Entrevista pessoal.
2. Fonte: website do INE.
3. Fonte: website do INE.
4. Inquéritos de casa em casa efectuados durante as horas de trabalho, por exemplo, correm o risco de coincidir principalmente nas donas de casa, pois é mais provável que durante este período, elas sejam os ocupantes das casas.
5. T Legget, *Arrendamento Arco-íris, Crime e Policiamento no interior de Johannesburg*, ISS, Monografia 78, 2003.
6. Entrevista pessoal em 11.2.2003 em Maputo.
7. A arma de fogo utilizada para assassinar Carlos Cardoso nunca foi

encontrada e suspeita-se que possa pertencer aos armazéns da polícia.

Ver o relatório mais recente publicado pela PROPAZ, uma ONG Moçambicana que trata da re-integração social de antigos combatentes. Alex Vines, na op.ci. também se refere ao facto de que soldados desmobilizados não estão mais envolvidos na criminalidade do que outros grupos sociais. Entrevistas com muitos Moçambicanos exprimiram a mesma opinião.